

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano I — Número 4

Abril de 1963

A IGREJA HÁ-DE TRIUNFAR

por E. G. White

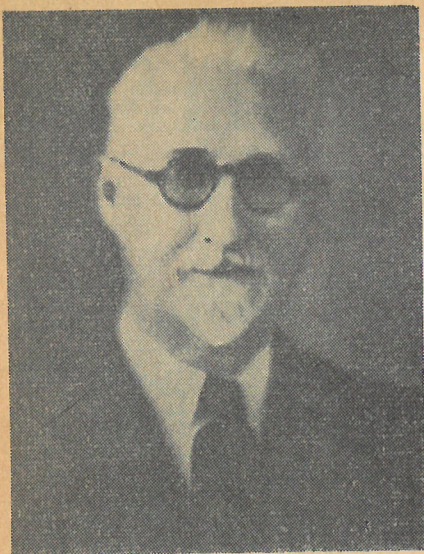
Até que Cristo apareça nas nuvens do céu, com poder e grande glória, os homens perverter-se-ão no espírito e desviar-se-ão da verdade para as fábulas. A Igreja verá ainda dias trabalhosos. Profetizará vestida de saco. Mas, embora tenha de enfrentar heresias e perseguições, embora tenha de combater contra infiéis e apóstatas, com o auxílio de Deus ela ainda está esmagando a cabeça de Satanás. O Senhor terá um povo tão verdadeiro como aço, de fé tão firme como o granito. Os crentes devem ser testemunhas suas no mundo, instrumentos Seus para realizar uma obra especial, gloriosa, nos dias da Sua preparação.

A mensagem evangélica não ganha uma alma para Cristo, nem abre caminho para um só coração, sem ferir a cabeça de Satanás. Sempre que um cativo lhe é arrancado das garras, libertado da sua opressão, o tirano é derrotado. As casas publicadoras, os prelos, são instrumentos na mão de Deus para enviar a toda a língua e nação a preciosa luz da verdade. Esta luz está atingindo mesmo as terras pagãs, e faz constantes incursões contra a superstição e todo o erro concebível.

Ministros que pregam a verdade com todo o zelo e fervor podem apostatar e unir-se às fileiras dos inimigos. Tornará isso, porém, a verdade divina em mentira? «Todavia», diz o apóstolo, «o fundamento de Deus fica firme». II Tim. 2: 19. A fé e os sentimentos dos homens podem mudar; mas a verdade de Deus, nunca. A terceira mensagem angélica está soando; é infalível.

Homem algum pode servir a Deus sem atrair contra si mesmo os homens e anjos maus. Espíritos maus serão lançados no encalço de toda a alma que busca unir-se às fileiras de Cristo; pois Satanás deseja reaver a preza que lhes foi arrebatada. Homens maus entregar-se-ão à crença em fortes enganos, para sua perdição. Esses homens revestir-se-ão das roupagens da sinceridade, e enganarão, se possível os próprios eleitos. É tão certo possuírmos a verdade, como o é que Deus vive; e Satanás, com todas as suas artimanhas e poder infernal, não pode mudar a verdade de Deus em mentira. Enquanto o grande adversário faz tudo o que lhe é possível para tornar sem efeito a palavra de Deus, a verdade tem de avançar como uma lâmpada resplandecente.

O Senhor nos destacou, e tornou-nos objectos de Sua admirável misericórdia. Havemos nós de encantar-nos com os enganos do apóstata? Preferiremos tomar posição ao lado de Satanás e suas hostes? Unir-nos-emos aos transgressores da lei de Deus? Antes seja nossa oração: «Senhor, põe inimizade entre mim e a serpente». Se não estivermos em inimizade com suas obras tenebrosas, seremos rodeados por seus poderosos laços e seu aguilhão pronto está a arremessar-se contra nosso coração. Devemos considerá-lo um inimigo mortal. Cumpre que nos oponhamos a ele em nome de Cristo. Nossa obra ainda prossegue avante. Temos de lutar por cada polegada de terreno. Que todos quantos tomam nos lábios o nome de Cristo se revistam da armadura da justiça.



W. H. ANDERSON, PIONEIRO EM ANGOLA

pelo Dr. Roy B. Parsons

O Pastor W. H. Anderson, conhecido entre os Adventistas por «Kakongo», veio para Angola em 1923 e aqui trabalhou até 1933. Em 1942 fez uma curta visita a este campo. Faleceu em 1950. Ele está relacionado com a escolha das áreas e a fundação de todas as Missões Adventistas em Angola.

Ouvi pela primeira vez falar deste pioneiro quando eu era rapaz, antes de ele chegar a Angola, no tempo em que se encontrava em África noutros campos missionários. O seu nome era bem conhecido em todos os lares adventistas. Depois, em Lisboa, em 1950, recebi cartas dele, quando me encontrava ali a repetir o curso para poder exercer a clínica em Angola. Essas cartas eram muito interessantes. Quando ele escreveu a primeira carta, nem conhecia o meu nome, mas sabia apenas que um médico vinha para Angola. Ele deu-me as «boas vindas» e alguns bons conselhos sobre as relações dos missionários com as pessoas de outras línguas e cujos hábitos eram diferentes dos meus. Não aceitei uma parte desses conselhos, mas mais tarde na vida cheguei à conclusão de que era verdade o que dizia.

Ao chegar ao Lobito, desejava ver o Sr. Anderson no cais quando o barco atracou, mas não tivemos esse privilégio. Ele encontrava-se numa das suas muitas viagens no interior e tinha mandado palavra para o agente da Casa Inglesa nos encontrar e ver que tivéssemos onde ficar e nos comprar o bilhete para o comboio até ao Lépi. Numa das suas cartas ele tinha descrito a sua viagem para Saurimo, onde tinha ido na esperança de encontrar local para uma Missão. Naquela viagem, depois de ter andado dias consecutivos com o carro na lama, teve de desistir.

O nosso encontro com o «Kakongo» foi na Missão do Bongo. Ele chegou com o seu «Ford» de um assento, que correspondia ao futuro modelo de carinha. Era o seu transporte fiel nas viagens e mais tarde eu havia de ter o privilégio de andar muitos quilómetros com ele nesse mesmo carro. Na sua companhia eu havia de ouvir relatos de muitas experiências em resposta às minhas perguntas, quer acerca da Obra, quer acerca da maneira de tratar certas doenças peculiares à África, como a biliosa e outras.

Os nossos dois filhos ficavam sempre muito contentes quando ele vinha a nossa casa, pois aquela noite eles haviam de ouvir experiências acerca de animais e acerca de como ele andava nas matas com os seus carregadores para visitar escolas ou ver as terras que ainda aguardavam o Evangelho. Ele falava do tempo em que, para conhecer Angola, comprou um carro boer e catorze bois em Windhoek, Sudoeste Africano, e fez com esse meio de transporte a viagem até Sá da Bandeira, andando ele a pé todo o caminho. Passou pelos Cuanhamas e viu o povo com o seu gado e cavalos. Depois subiu ao longo do Rio Cunene, e na margem do rio, naquela noite, quando fez ali o seu acampamento, encontrou na lama as pegadas de elefantes ainda com a água a escorrer onde os bichos tinham estado a tomar banho. Sendo

quase um filho de África, depois de tantos anos ele não pensou mais no assunto, mas aquela noite quando acordou com um ruído como de terramoto e viu as sombras enormes a passar dos dois lados da sua cama, o seu espanto foi enorme. Depois de os elefantes terem seguido o seu caminho, ele encontrou-se debaixo da sua cama com as mãos agarrando o capim, sem saber como ali tinha chegado. No seu coração ele sabia que Deus o tinha protegido e deu-lhe graças, porque os elefantes em geral pouco querem saber de um homem a dormir numa cama de viagem. O mais natural teria sido passarem por cima dele, esmagando-o.

Depois de chegar à Missão do Bongo, o meu desejo era conhecer a vida do mato, ver os indígenas nas suas aldeias longe da influência europeia e conhecer a obra do Evangelho de perto. O Sr. Anderson, conhecendo o meu interesse, convidou-me para ir com ele numa viagem de inspeção às escolas. Aceitei de muito bom grado o seu convite. Viajámos no famoso «Ford», com as nossas camas de viagem, roupa de cama, comida, panelas, etc., na parte detrás, e com um rapaz para nos acompanhar e cozinhar a comida. Nessa viagem o rapaz que nos acompanhou foi o Troco, um dos primeiros adventistas do Bongo.

A primeira escola que visitámos foi a da lava. Ali encontrámos o Daniel. Ele tinha já uma escola de adobes e muitos membros. Era no princípio de Setembro, e as folhas novas já estavam nas árvores embora as chuvas ainda não tivessem começado. Posso lembrar-me de como um dia, ali naquela escola, enquanto estávamos à espera que os alunos chegassem depois do culto da manhã, passeei com o Pastor Anderson debaixo daquelas árvores e falámos do trabalho e de quanto havia ainda para fazer antes de ver a Obra terminada. Tínhamos muito poucos obreiros naquele tempo e também não muitos membros. Perguntei-lhe se ele pensava que havíamos de chegar à altura em que tivéssemos os obreiros necessários para ver a obra feita. Ele disse que sim. Mais tarde, estudando em nossa casa no Bongo, encontrei aquele

trecho no livro «Profetas e Reis», onde se lê que Deus tem reservado em diversas terras, entre as quais a África, um firmamento de escolhidos que na noite de escuridão deste mundo hão-de brilhar. Fiquei consolado, e dou graças a Deus por hoje vermos o número de membros aumentar e o número de obreiros cada vez maior. O Daniel não viveu muito tempo depois dessa visita, mas o seu nome fica entre aqueles que amaram o seu Salvador e a Sua Mensagem.

Foi em lava que dormimos num canto da escola, que tinha sido construída de adobes. Não havia janelas nem portas. Era preciso deitar-nos às escuras de noite e levantar-nos de manhã muito cedo, para não sermos contemplados por olhos curiosos. Também a nossa comida ficava à disposição dos cães famintos, que andavam nas aldeias. Tínhamos recebido uma oferta de ovos, e guardei-os para o pequeno almoço. De noite acordei com um som estranho, que chegava aos meus ouvidos. Com a lanterna consegui espantar um cão, que era só pele e ossos, a comer o resto dos ovos oferecidos. Pelo menos ele aproveitou alguma coisa deles. Também naquela manhã, quando fui para vestir-me, encontrei que a salalé tinha começado a comer as minhas botas. Felizmente ela não tinha ainda feito grandes estragos, mas todas estas experiências serviram de lição para o futuro. Para viver em África, é preciso aprender a defender-nos de inimigos pequenos, mas uma vez a lição aprendida esta é uma terra boa.

Visitámos também a escola de Sacambuta e depois fomos para a do Chico Sul. Hoje não me lembro muito bem desses lugares, mas lembro-me de que ali, como nas outras escolas, sempre encontrámos os membros em regozijo, correndo para nos encontrar e acompanhando-nos a correr atrás do carro à despedida. Também visitámos a escola de Catápi. Ali encontrámos a igreja e a casa do catequista feitas de adobe, e dormimos aquela noite na casa do Costa. Depois fomos ver Sailundo, Emanha e Catocola. Em todos os lugares ficámos animados com as reuniões e os hinos de esperança cantados de noite em

volta da fogueira por aqueles que tinham recebido também a paz e a alegria do Evangelho.

O Pastor Anderson era uma pessoa que se sentia feliz com a vida. Em viagem no mato e trabalhando no meio dos povos que viviam longe das influências mundanas, ele tinha alegria. O seu prazer era ter parte em levar-lhes o Evangelho e ao mesmo tempo sempre tinha em mente estabelecer a Obra nos lugares onde ela ainda não tinha chegado. As pequenas inconveniências de viver junto à natureza não o preocupavam. Eu tinha de aprender a pôr as coisas onde a salalé as não comesse, mas ele fazia isso sem pensar. Para mim, ver os cães magros e os porcos magros era coisa estranha; mas para ele a vida era assim mesmo. Ele conhecia as formalidades da vida indígena, mas eu não conhecia nada. Ele também apreciava a oportunidade de poder rir.

Numa tarde de Outubro, encontrando-nos na escola de Nuñulo, Galanga, eu estava a tratar doentes e a extrair dentes. Qualquer que tivesse um dente a doer-lhe, ou vinha pedir que o dente fosse tirado ou os amigos, agarrando-o, conduziam-no para o pé de mim. A cadeira era um morro de salalé. Já tinham sido atendidos muitos doentes e o trabalho afrouxava. O Sr. Anderson veio ao pé de mim e disse: «Vamos pregar-lhes uma partida». Ele assentou-se sobre o morro de salalé e abriu a boca, apontando para um dente lá dentro. Na verdade, ele não tinha dentes senão postiços. Eu meti o ferro e agarrei o dente indicado. Ao tirar o ferro para fora da boca, saiu junto a placa inteira com todos os dentes de baixo. O povo fugiu com o susto. Depois de ver-me entregar-lhe outra vez a dentadura, e ele colocá-la novamente na sua boca, eles voltaram, rindo-se.

Aquela, era uma noite de luar. Ao entrar na aldeia, enquanto preparávamos as camas nas casas de capim, vi perto da aldeia um pau alto com um pano branco a flutuar agitado pela brisa. Perguntei ao Sr. Anderson por que razão havia a bandeira de pano. Ele não sabia, mas o Mestre Herculano disse que tinha havido uma pessoa doente na aldeia. Depois do jantar, estávamos fa-

lando perto do fogo quando ouvimos o batuque a começar na aldeia. Eu disse ao Sr. Anderson que gostava de ver um batuque e ele disse-me: «Vamos». À luz de uma lua ainda crescente, procurámos o caminho pelas ruas tortuosas entre os cercados de pau que havia na aldeia, pois era aldeia do Soba e depois de andar por muitas voltas chegámos a um pequeno cercado onde o povo estava reunido. Lá estava o batuque. Um homem batia no batuque, enquanto um outro homem dirigia o canto. As pessoas estavam todas juntas, quase encostadas uma à outra, pois o lugar era pequeno. O chefe cantava, e o povo respondia, batendo com as palmas e movendo-se em ritmo. Isto continuou por muito tempo e era preciso substituir quem tocava o batuque. Eu estava ao lado do batuque e vi como as mãos de quem tocava o batuque saíam e as mãos do seu substituto continuavam sem qualquer hesitação ou pausa no ritmo. Ficando ali mais algum tempo, veio sobre mim uma sensação de inquietação e quase de medo. Eu disse ao Sr. Anderson: «Vamos sair, porque este não é lugar para nós.» Ele concordou, e conseguimos encontrar outra vez o caminho para as nossas camas. Dormi muito bem, embora o batuque continuasse pela noite fora. Só depois de estar em África mais tempo, e conhecer melhor a vida dos pagãos, é que cheguei a saber que assistimos ao princípio de uma chamada dos espíritos para um culto pagão. Mais tarde na vida tive a mesma sensação ao ouvir batuques em certas ocasiões, como na altura de uma morte ou coisa idêntica. Devemos dar graças ao Pai que «nos transportou da potestade das trevas para o reino do Filho do Seu amor».

Viajando com o Sr. Anderson, falávamos sobre muitas coisas. Ele procurava dar-me o benefício dos seus muitos anos de experiência e o que ele tinha aprendido da psicologia do povo com quem trabalhava. Contava as suas experiências relacionadas com o começo da obra noutras terras e também aqui em Angola. Para ele o campo era o mundo e, enquanto houvesse uma par-

Continua na pág. 14

A Igreja Adventista e os Tocos

por Ernesto Ferreira

Desde há algum tempo para cá vários dos nossos obreiros e membros têm sido enganados pelas palavras e obras dos Tocos e por isso convém que esclareçamos as igrejas acerca dos seguintes pontos: Quem são os Tocos? Que ensinam eles? Como conseguem atrair as pessoas incautas? Qual a atitude da Igreja Adventista para com eles?

Quem são os Tocos

Os Tocos derivam o seu nome de Simão Gonçalves Toco, que nasceu em Maquela do Zombo, em 1918. Estudou primeiro na Missão Baptista de Quibocolo e depois em Luanda, onde fez o primeiro ciclo do liceu. Em seguida trabalhou nas Missões de Quibocolo e do Bembe. Devido a um incidente com os seus dirigentes, Simão Toco cortou relações com os missionários baptistas de Angola e foi para o antigo Congo Belga, onde se colocou ao serviço da Missão Baptista de Léopoldville.

Tendo-se afastado das doutrinas baptistas, foi suspenso de obreiro e de membro dessa Igreja. Por outro lado, como as suas actividades causavam alguma perturbação social, foi expulso do antigo Congo Belga, assim como os angolanos que o seguiam, e entregue às autoridades portuguesas em Janeiro de 1950.

Desde então tem-lhe sido fixada residência em diversos lugares (Bembe, Caconda, Jau, Cassinga, Ponta Albina), onde tem continuado a estar em contacto com os seus adeptos.

Que ensinam os Tocos

Os Tocos não têm literatura escrita. Por isso, é possível que nem todos aceitem as mesmas doutrinas. No entanto, em lugares diversos por diversos Tocos têm sido apresentadas doutrinas que são completamente contrárias à Bíblia Sagrada. Entre elas salientamos as seguintes:

Koloneke vilo vamue pokati kolondingupange lovimatamata viekongelo lietu va kasi oku kembiwa lolondaka kuenda ovopange a va Toku. Mekonda liaco ca sesamela oku seteka lutate apulilo alo: Va Toku ovo velie? Nye va kasi loku longisa? Va tela ndati oku koka omanu ka va lungukile? Ekongelo lia vakuelavoko li kasi ndati la va Toku?

Va Toku ovo velie

Onduko ya va Toku yi tunda ku Simão Gonçalves Toco. Wa citiwila ko Maquela do Zombo, ko 1918. Wa lilonngisila tete vo Missão Baptista ko Quibocolo, noke wa enda ko Luanda oko a lingila oloseteko viulima wa vali wo Liceu (1º Ciclo). Noke wa talavaya ko Missão yo Quibocolo kuenda ko Bembe. Mekonda liolonjuela lasongui vaye, Simão Toku wa litepa loloñala va Baptista vo Angola kuenje wa enda ko Congo Belga, kuenje oko wa iñila kúpange wo Missão Baptista ko Léopoldville.

Omo a siapo alongiso a mue a va Baptista, wa tundisiwa kupange kuenda wa tetiwa vekongelo. Omo ovopange aye a nena oku litamalala pokati komanu, wa tundisiwa ko Congo Belga, kumuamue la va Angola vo kuamele, kuenje va eciwa povaka olombonge vio Putu ko Janeiro kulima wo 1950.

Tunde opo o tungayala kovitumalo via lua (ko Bembe, ko Caconda, ko Jau loko Cassinga toke ko Ponta Albina) kuenje kolofeka evi viosi wa litokeka lolondonge viaye.

Va Toku nye va kasi loku longisa

Va Toku ka va kuete alivulu a sonihiwa lavo. Mekonda liaco ci tava okuti vosi ka va kuai alongiso amosi. Puai kovitumalo viñi viñi va Toku vañi vañi va longaisa alongiso a litamalala olumue londaka ya Suku. Pokati kalongiso aco tu tali amue:

1. *Jesus já se encontra na terra;
não virá aqui outra vez.*

Não sabemos se Simão Toco diz ser ele próprio Jesus, mas sabemos que muitos dos seus adeptos acreditam que ele é Jesus. E se Jesus já veio à terra, e não virá de novo, Ele está a preparar no mundo o estabelecimento do seu reino. E' por isso que os Tocos chamam ao seu grupo «O Reino de Cristo». Este reino só poderá ser estabelecido quando terminar o estado de escravidão em que o povo se encontra.

A origem desta doutrina relaciona-se com os ensinamentos das «Testemunhas de Jeová» e é comum a outros movimentos africanos que tomam a religião como instrumento dos seus desejos de emancipação.

Esta doutrina é cantrária à Bíblia, porque:

a) O próprio Jesus diz de que maneira havia de vir segunda vez: «Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que Eu vob-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem... Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.» (Mat. 24: 23-27, 30).

b) Só depois da segunda vinda de Jesus é que será estabelecido o Seu reino. Com referência a esse tempo, lemos: «Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.» (Apoc. 11:15). Lemos também que o Senhor Jesus Cristo «há-de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu reino». (II Tim. 4:1).

2. *A pessoa, se em vida foi boa, depois da morte reincarna noutra pessoa; se foi má, pode reincarnar*

1. *Yesu o kasi ale voluali; keya
vali voluali onjanja ya vali.*

Ka tua kulihile ndahe Simão Toku o litukula ndu eye muele Yesu, puai tua kulihã okuti va lua kolondonge viaye va sima okuti eye Yesu. Nda Yesu weya ale voluali, kuenje keya vali, Eye o kasi oku pongiya voluali uviali vusoma waye. Oco va Toku va tukula owiñi wavo vati: «Usoma wa Kristu.» Usoma waco u ka vialiwa lika eci upika wومانu u pua.

Efetikilo lielongiso eli lia litokeka lalongiso «Olombangi via Yehova», kuennda a lisoka lovitundo vikuavo vio vo Afrika vina vi fufula etavo ndonjila yoku yovoka povaka ovindele.

Elilongiso eli li litamalala londaka ya Suku, ndomo:

a) Yesu muele wa lekisa onjila a laika oku iya layo onjanja ya vali eci a linga hati: «Oco nda umue o popia le ne hati, Vanji Kristu yu pamue yo, ko ka ci koleli. Momo ku katuka va Kristu vesanda lovaprofeto vesanda, kuenje va lekisa ovilimbu vinene lovikomo okuti nda ci tava, va lueyisa vonjila nda ño vava va noliwa. Tali ndo ci sapuili osimbu ka ceyile. Oco nda va popia le ne vati, Tali o kasi volohondo viovokati, ko ka ci koleli. Momo ndeci ocilikulo ci tunda kutundilo kuenje cenda toke kutakelo, haico oku tukuluka kuo Mōlamanu. Noke ondimbukiso ya Mōlamanu yi tukuluka kilu, kuenje apata osi o kilu lieve a lila. Va mola Mōlamanu yu iyilila valende o kilu lunene lulamba wa lua». Mat. 24: 23-27, 30.

b) Noke yoku iya kua vali kua Yesu, oco lika usoma waye u ka kapiwa. Ca tiamela kotembo yaco tu tanga ndoco: «Uviali woluali wa linga uviali wa Suku yetu kuenda wa Kristu waye. Eye o viala oloneke vi enda ño-o hũ, ka vi pui». Tu tangavo okuti Nalã Yesu Kristu, u o tukuluka «oku viala kuenje o tetuluila ava va kasi lomuenyo lava va fa». (Esi-tuluilo 11: 15; II Timoteo 4:1).

2. *Nda omunu wa linga ciwa eci a kala lomuenyo, pana okuti wa fa iñila vomunu ukuavo; puai nda wa linga*

num animal, como porco, cão, burro, raposa, etc.

Esta doutrina não é nova e tem sido seguida por muitos pagãos da antiguidade e por muitos pagãos da África de hoje.

Ela é contrária à Bíblia porque:

a) Se a pessoa se pode aperfeiçoar por reencarnações sucessivas, então não foi necessário o sacrifício de Jesus. E Cristianismo sem a necessidade da expiação de Jesus não é Cristianismo — é paganismo.

b) A única maneira de ter vida depois da morte é pela ressurreição. «Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados, e também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens». (I Cor. 15:16-19). Mas sabemos que há ressurreição. E quando se dará essa ressurreição? «Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda». (vers. 22, 23).

3. Não somos hoje obrigados a guardar o Sábado, porque somos escravos; da mesma maneira que os Israelitas não eram obrigados a guardar o Sábado no Egito, porque eram escravos.

Esta é uma desculpa que não corresponde à realidade nem está de acordo com a Bíblia.

a) Não corresponde à realidade, porque, não só não somos escravos, mas na maior parte dos casos, sobretudo nas aldeias, tão fácil é guardar o Sábado como qualquer outro dia da semana.

b) Não está de acordo com a Bíblia porque, mesmo na altura em que o povo se encontrava sob o domínio de estranhos, os crentes guardavam o Sábado. O nosso Modelo, Jesus Cristo, quando esteve aqui na terra, viveu num país escravizado. No entanto lemos: «Chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de Sábado, segundo o Seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler». (Luc. 4:16). Depois de Sua morte, «as mulheres que tinham vindo

civi eci a kala lomuenyo, pana okuti wa fa inila vocinyama cimue, ndeci vongulu, pamue vombua, ele vocimbulu pamue vombulu.

Elongiso eli haliokaliyeko kuenje lia taviwa lolofeka via lua vionahulu kenda la vakualofeka va lua va África etaili.

Elongiso eli li litamalala londaka ya Suku, omo:

a) Nda omunu o tela oku lipongolola eye muele pokati koku citiwa evali voluali lulo, oco ocilumba ca Yesu ka ca sesamelele. Kuenje etavo lia Kristu nda ka li kuate esesamelo liocilumba ca Yesu, olio hetavoko lia Yesu, puai etavo lia vakualofeka.

b) Ka kuli onjila yoku kuata omuenyo noke yoku fa, te lika epinduko. «Momo nda ava va fa ka va pinduiwa, ndaño Kristu ka pinduiwile. Nda Kristu ka pinduiwile ekolelo liene lia linga esanda, kuenje lopo vu kasi vakandu ene. Oco vana va pekela ale vu Kristu, lavovo va nyoleha. Nda elavoko lietu lio ku Kristu lia sulila lika vomuenyo ulu nda pokati komanu vosi etu tete tua sesamela oku kumatelua ohenda». (I Va Korindu 15:16-19). Puai tua kulihã okuti kuli epinduko. Otembo yipi ku kala epinduko? «Momo ndeci vosi va fila ku Adama, haico vosi va muila omuenyo vu Kristu. Puai vosi omunu lomunu komangu yaye: Kristu eye epako lia tete, noke vava va tiamu ku Kristu eci a tukuluka.» (I va Korindo 15:22, 23).

3. Etaili ka tua kisikiwile oku lava Esambata omo tu vapika; ndeci muele va Isareli ka va kisikile oku lava Esambata ve Egito omo va kala-vo ovapika.

Eli etatelo limue haliociliko kuenda ka li litava londaka ya Suku.

a) Haliociliko, mekonda, hamomoko ño ha tuvapikako, puai olonjanja via lua ca piãla vovaimbo, ca leluka ca lua oku lava Esambata ndeci muele oloneke vikuavo viosemana.

b) Etatelo olio ka li litava londaka ya Suku omo ndaño kotembo muele va vakuetavo va kala peka liovanyali, lopo va lava Esambata. Ongangu yetu Kristu eci a kala mulo voluali, wa kala vofeka yovapika. Haimo tu tanga ndoco: «Noke weya ko Nasara kuna a tekuiwila, kuenje, ndeci a tuwa, kesambata wa inila vosunangonga yu wa votoka oku

com Ele da Galileia seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o Seu corpo, e voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no *Sábado repousaram, conforme o mandamento*. (Luc. 23:55, 56). Cerca de vinte anos depois da morte e ressurreição de Jesus, os tempos eram ainda difíceis, mas, apesar disso, quando o apóstolo Paulo chegou à cidade de Filipos, que fez ele e os que o acompanhavam? «No dia de *Sábado* saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para oração, e, assentando-nos, falámos às mulheres que ali se ajuntaram». (Act. 16:13).

O motivo para guardar ou não guardar o *Sábado* não é que a sua guarda seja fácil ou difícil, mas baseia-se no mandamento divino que não foi anulado até ao presente. Como disse o Senhor Jesus: «É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.» (Luc. 16:17).

Como conseguem os Tocos atrair as pessoas incautas?

Não acreditamos que os nossos membros abandonem a Igreja Adventista por pensar que as nossas doutrinas sejam erradas e as dos Tocos verdadeiras. Pelos casos que conhecemos, encontramos algumas explicações pelas quais várias pessoas têm sido levadas a unir-se aos Tocos.

1. Entre os Tocos há manifestações espíritas. As pessoas têm ataques, visões, proferem sons estranhos, experimentam sensações agradáveis etc. Quando uma pessoa passa por estas experiências, é muito difícil deixar de acreditar que haja um poder divino ali. No entanto, esses mesmos fenómenos se manifestam no paganismo africano e é por isso que, apesar da pregação do Evangelho, tantos africanos continuam ainda com o paganismo e as suas práticas. Temos de reconhecer que há manifestações sobrenaturais. Mas não nos enganemos: essas manifestações *não são de origem divina, mas de origem satânica*. «E não é maravilha, pois o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz». (2 Cor. 11:14).

2. O movimento dos Tocos adapta-se a algumas tendências do coração afri-

tanga». Luka 4:16. Noke yoku fa kuaye: «Kuenje akai vana vo sindikila eci a tunda ko Galilea, va kuamako, kuenje va mola eleva, kuenda ndeci etimba liaye lia kapiwamo. Noke va tiukila, kuenje va pongiya ovihemba vioku sieketa longuendu; *kuenje Kesambata va pu-yuka ndocihandeleko*». Luka 23:55,56.

Akui avalali kanyamo noke yoku fa lepinduko lia Yesu, kua kala lopo ovitangi via lua, haimo puai, eci upostolo Paulu a pitila vimbo lio Filipu, nye a linga eye muele lava va enda laye? «*Kesambata* tua tundila kombundi yimbo kuenje tua enda kekulo liolui, omo tua soka tuti, oko va likutalaila. Tua tumala kuenje tua vangula lakai va liongo-luilako». Ovilinga 16:13.

Esunga lioku lava ele oku siapo Esambata, hamekondako oku li lava lia leluka ele lia tila, puai nekonda liocihandeleko ca Suku ka ca imuhile. Ndeci Nala Yesu a popia hati: «Ca leluka ilu liosi oku takata, okatosi kamuamue kovihandeleko oku imuha oco ca tila». (Luka 16:17).

Va Toko va tela ndati oku koka omanu ka va lungukile?

Ka tu tava okuti ovimatamata vietu vi siapo ekongelo lia vakuelavoko omo va sima okuti alongiso etu apia kuenda alongiso a va Toku ocili. Kovina tua kuliha tua sanga alombolulo a mue a kokela omanu va mue oku litokeka lava Toku.

1. Pokati ka va Toku pali ovindekaise violondele. Oko omanu va singila, va kuata awima, va popia olondaka ka via lombolokele, kuenda ovina vi kuavo. Eci omunu a yeva ovina evi ca tila ca lua oku tatala okuti unene wokilu u kasi loku ci linga. Puai haimo ovikomo ovio vi molehelavo pokati ka vakualofeka va Africa. Mekonda liavio, ndaño Esapulo li kasi loku kundiwa, va lua va Africa va tongeka lopo lovituwa via vakualofeka. Ca sesamela oku limbuka okuti kuli cimue hacovolualiko. Puai ka tu ka likembi: *Eci ka ci tundi ku Suku, puai ci tunda ku Satana*. «Eci ka ci komohisa, momo ndaño Satana o liluvikiya ndungelo wocinyi». (II va Korindo 11:14).

2. Upange wa va Toku u fufula

cano não regenerado. Assim, por exemplo, em relação com os cultos é usada a dança — quando cantam hinos, quando dedicam uma criança, quando terminou a pregação. Por outro lado, os escrúpulos não são muito grandes em relação às pessoas que adulteraram.

3. Não é difícil levar as pessoas a unirem-se conosco quando criticamos os outros. Assim sucede, quando os Tocos criticam os mestres, pastores e missionários adventistas por falarem dos dízimos e ofertas, como se alguma obra importante pudesse ser levada avante sem dinheiro; ou quando alguns criticam a presença dos brancos, como se Jesus não fosse o Salvador e o Cristianismo não fosse igualmente para pretos e brancos, sem distinção de raças e cores.

4. Os Tocos têm ajudado financeiramente adventistas que tinham dívidas ou quaisquer outras dificuldades monetárias, e assim os têm ganho para o seu grupo. Notemos, porém, que essa maneira de ganhar adeptos só é possível enquanto os casos são poucos, e o tempo mostrará que esse método de ganhar pessoas dará maus resultados quanto à qualidade dos membros assim ganhos.

Qual a atitude da Igreja Adventista para com os Tocos?

A Igreja Adventista considera o grupo dos Tocos como um movimento estranho ao Cristianismo. Aqueles que aceitam a Bíblia como norma de fé não podem de maneira nenhuma aceitar as doutrinas dos Tocos.

Devido ao perigo dos métodos por eles usados para ganhar adeptos, aconselhamos os nossos membros a não se comunicarem com eles.

Como aconselha a Palavra de Deus, «ao homem hereje, depois de uma e outra admoestação, evita-o» (Tito 3:10).

E aos que já foram enganados desejamos apenas dizer que, como sucedeu com tantos casos semelhantes em África, o movimento dos Tocos acabará e a Igreja Adventista continuará. Oxalá que quando se arrependerem não seja demasiado tarde.

ovituwa vi mue viutima wa va Africa ka va pongolokele. Ndeci, kafendelo va piluka — osimbu va imba ovisungo, pamue va tumbika okamola ele ceci efendelo lia pua. Kuenje ka kuli akisika anene komanu vana va lingile uvasi.

3. Ka ca tilile oku tokeka omanu kokuetu nda tu sokola vakuetu. Oco ci kasi eci va Toku va sokola alongisi, langombo kuenda asongui vakuelavoko omo va vangula kolonepa viekui kuenda kolombanjaile, loku sima okuti ndaño ka kuli olombongo ci tava oku linga upange unene; pamue eci vamue va sokola ovindele, loku sima ndu Yesu hupopeli umuamueko wovindele lovimundu, haeye ka tepisa apata livalo.

4. Va Toku va kuatisa lolombongo viavo vakuelavoko va kuete olofuka ele ovitangi vi kuavo violombongo. Kuenje lonjila eyi va va kokela kokuavo. Puai onjila eyi yoku nganyala ovimatamata yi tava lika osimbu kuli omanu va tito, kuenje oloneke viokovaso vi ka lekisa okuti onjila oyo yi ka eca asulilo avi ca tiamela kovituwa viovimatamata viaco.

Ekongelo lia vakuelavoko li kasi ndati la va Toku?

Ekongelo lia vakuelavoko li tenda owini wa va Toku ndupange u litamala-la letavo lia Kristu. Vana va tava Embimbiliya ndulongisi wetavo ka va tela oku tava alongiso a va Toku.

Mekonda liohele yolonjila va kasi oku fufula oku nganyala lavio omanu, tu lungula ovimatamata vietu okuti, *Ko ka vanguli lavo*.

Ndeci ondaka ya Suku ya lungula yiti: «Ukuakuhoya, eci u lemela onjanja yimosi pamue olonjanja vivali, litepa laye». (Tito 3:10)

Kua vana va kemiwa ale tu yongola oku vangula lavo tuti: Ndeci ca kala kovopange a lisetahala vo Africa, haicovo upange wa va Toku u ka pua, puai ekongelo lia vakuelavoko li ka tongeka. Hise okuti eci va livela ka cika kale oku cilua enene!

Visado pela Censura

Histórias Africanas



A doença de Salufuma

Calungu era um rico pagão, com quatro mulheres, umas oitenta vacas e grandes campos de cultura. Ele não acreditava na vantagem da instrução e não queria que seus filhos fossem à escola da Missão.

Quando uma noite Salufuma, o filho mais novo, estava junto da fogueira, o o seu amigo Cufumana perguntou-lhe por que não queria ir à escola.

Salufuma respondeu: «Dizem que o professor bate se não sabemos e como eu não sei nada, o professor estaria a bater-me durante todo o dia.»

«Nada disso! Estou lá há duas semanas e ele nunca me bateu.»

«Que fazes na escola?»

«Aprendo a cantar. Não gostas destes hinos?» E Cufumana cantou dois dos hinos aprendidos na Missão.

«E lá ensinam mais alguma coisa?»

«Sim; ensinam a ler, a escrever e sobretudo lindas histórias acerca de Jesus. Porque não vais lá um dia ou dois dias para ver como é?»

Salufuma desejava ir, mas tinha que ficar no campo a guardar o gado do pai. Combinou, porém, com os companheiros, que se prontificaram a olhar pelas suas vacas enquanto ia à escola, à tarde, comprometendo-se ele, por sua vez, a guardar, sozinho, o gado deles durante a manhã.

Que dias maravilhosos ele não passou na escola! E não somente dois dias, mas uma semana inteira!

Tudo ia muito bem, quando Calungu uma tarde foi ver o gado e ali encontrou os outros rapazes, mas não o seu filho.

«Onde está Salufuma?» perguntou.

Os colegas não queriam descobrir onde ele estava, mas finalmente disseram que ele estava na escola da Missão.

Muito irado, Calungu mandou-lhes que logo que Salufuma chegasse lhe dessem o recado de ir para casa com o gado.

Escusado será dizer que o pai o proibiu de voltar à escola.

Assim se passaram algumas semanas até que chegou o tempo das sementeiras. Nessa altura o gado ficava de noite nos campos. Os rapazes que o guardavam costumavam acender fogueiras e dormir junto delas.

Uma noite, uma vaca espantou-se e passou pelo meio das brasas, que foram para cima da roupa de Salufuma, ficando este muito queimado.

Os colegas mandaram dizer ao pai para o vir buscar.

Em casa, as chagas foram cobertas com excremento da vaca misturado com leite.

Os dias, e depois as semanas, foram-se passando e Salufuma ia ficando cada vez pior. Deitado na sua esteira, contorcia-se com dores.

«Levem-me à Missão», pedia Salufuma, «e ali ficarei curado».

O pai, porém, dizia: «Apenas o matariam mais depressa. O que é preciso é levá-lo ao feiticeiro».

A primeira coisa que o feiticeiro exigiu foi uma cabra. Depois de descobrir que a doença era resultado de feitiço, pediu mais outra cabra para descobrir quem era o culpado.

«Ninguém me enfeitiçou», dizia Salufuma. «Levem-me à Missão e eles ali vão-me curar.»

A palavra «Missão» não passou despercebida ao feiticeiro.

Depois de ler exigido mais oito cabras, acabou por pedir um boi, prometendo fazer um encantamento que curaria o rapaz e traria maldição sobre a Missão.

«Não, não, não debes amaldiçoar a gente da Missão. Eles são bons e não me fizeram nenhum mal. Levem-me lá, e eu *sei* que ficarei bom.»

Salufuma foi de novo levado para casa, mas cada dia ia ficando pior. A troca de mais cabras, o feiticeiro preparou um remédio de folhas esmagadas que devia ser aplicado nos buracos abertos pelas feridas. Como era dolorosa a sua aplicação! Mas os resultados não eram nenhuns.

Depois de dezoito longos meses de sofrimento, estava quase um cadáver. Pela última vez pediu que o levassem à Missão.

«Já que ele tem de morrer», disse Calungu, «levem então o rapaz à Missão para ele morrer ali».

Na manhã seguinte, Salufuma foi transportado até à Missão. Pode dizer-se que só tinha pele e ossos.

Ali foi atendido pelo enfermeiro africano, que tinha sido ensinado pelo médico missionário e que estava muito prático no tratamento de queimaduras. Mal pôde suportar o cheiro fétido e o aspecto asqueroso das pernas de Salufuma. Depois de orar, começou por lavar a sujidade com todo o carinho e por aplicar o tratamento conveniente.

No dia seguinte, Salufuma sentia-se melhor. Pediu de comer. Há quanto tempo ele não tinha apetite!

Foram-se passando dias felizes para o doente. Cada dia as suas pernas melhoravam.

Dentro de pouco tempo desapareceu o terrível mau cheiro e carne limpa começou a crescer. Quanto a apetite não havia limites para ele.

Um dia perguntou ao enfermeiro: «Mas se Deus me ama tanto, porque é que Ele me deixou sofrer desta maneira?»

«Meu rapaz, não podemos compreender sempre os planos de Deus, mas sabemos que Ele nunca comete um erro. Talvez que esta seja a única maneira»

Abril de 1963

ra de conseguir que teu pai permita que venhas à escola. Não estarias disposto a sofrer a fim de poderes vir aqui e aprenderes o caminho da vida?»

Os olhos de Salufuma abriram-se ao compreender todo o plano. «Quer dizer que pensa que Deus permitiu tudo isto para que eu pudesse finalmente vir à Missão e aprender tudo acerca d'Ele?»

«É isso mesmo. Deus queria que tu fosses salvo para o Seu reino».

«Vou entrar na Classe dos Ouvintes logo que possa andar», prometeu o rapaz.

Três semanas depois de sua família o ter levado ao dispensário, Salufuma já podia deslocar-se com o auxílio de uma muleta. Uma semana depois deitou fora a muleta e já subia a colina para ir à Escola Sabatina.

«Pai, não quer ir à igreja comigo?» perguntou ele um dia.

«Não, filho. Já estou velho demais para mudar de vida. Além disso, que faria eu de todas as minhas mulheres? Mas tu podes ir se sentires o desejo de ser adventista. Esses cristãos não são tão maus como eu pensava que fossem. Afinal, foram eles que te curaram,» disse o velho com um suspiro.

Salufuma persuadiu dois de seus irmãos mais velhos a frequentarem a igreja com ele. Por fim todos os três foram baptizados. Jesus conduzira-o duma maneira maravilhosa, embora parecesse escura e sombria, para a gloriosa luz do Seu amor; e hoje Gabriel, como se chama agora, está ensinando outros rapazes e meninas a amar a Jesus que o salvou e curou.

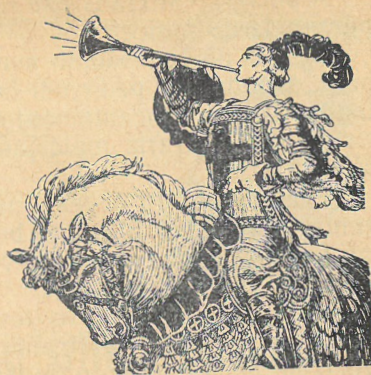
Não há limite para a utilidade daquele que, pondo de lado o próprio eu, dá lugar à operação do Espírito Santo no seu coração, e vive uma vida inteiramente consagrada a Deus.

E. G. White
Testemunhos para a Igreja
Vol. VIII, pág. 19

Página

da

Juventude



Devoção Matinal

Nenhum jovem é bom membro da Sociedade dos M. V. se não fizer a sua Devoção Matinal.

Para ajudar nesse sentido tem a nossa Casa Publicadora a «Meditações Matinais» com um texto bíblico e respectiva meditação para cada manhã. O livro deste ano é excepcionalmente inspirador. Bom seria que cada jovem se munisse de um exemplar. Preço, em papel vulgar: 30\$00; em papel fino; 35\$00.

Para quem não possa adquirir esse livro, temos o folheto «Devoção Matinal», com linda capa a cores, a 4\$00, apenas com um texto bíblico para cada manhã.

Acampamento dos M. V.

Contamos este ano realizar um Acampamento dos M. V. das igrejas europeias, perto de Nova Lisboa, de 13 a 22 de Agosto.

Serão admitidos participantes desde os 10 aos 30 anos de idade.

E' conveniente começar a fazer desde já as economias necessárias para nele participar, contando com as despesas de viagem e com a diária de 15\$00.

Esperamos que estejam bem representadas as Sociedades de jovens de todas as igrejas.

Curso de Leitura para os Jovens

O Curso de Leitura para os Jovens é constituído este ano pelos seguintes livros:

Degraus da Vida Cristã, por E. G. White. E' uma obra prima de literatura adventista, sobre os princípios basilares do Cristianismo prático.

Uma Verdade Desconhecida, por C. L. Taylor. Trata-se de uma comovedora narrativa através da qual se assiste à transformação de um filho que, por intermédio de uma Bíblia marcada por sua mãe, foi levado à descoberta do Sábado cristão.

Alberto Schweitzer, por Jo Manton. E' a biografia do mais famoso missionário evangélico dos nossos dias, em linguagem adaptada à juventude.

Preço de venda ao público:

Degraus da Vida Cristã	15\$00
Uma Verdade Desconhecida	12\$00
Alberto Schweitzer	20\$00
	47\$00

Preço especial para este curso

Degraus da Vida Cristã	7\$50
Uma Verdade Desconhecida	6\$00
Alberto Schweitzer	16\$50
	30\$00

Desejando os «Degraus da Vida Cristã» em português e umbundu, são mais 2\$50.

Os pedidos devem ser feitos à Publicadora por intermédio da Sociedade de M. V. local ou do respectivo pastor.

Aconteceu em Coimbra . . .

Temos um jovem de Angola, o Ir. David Esteves, a estudar na Faculdade de Medicina de Coimbra. Quando ainda se encontrava a estudar o terceiro ciclo liceal enviou-nos o seguinte tes-

temunho, que temos muito prazer em publicar.

«E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis.» S. Mateus 21:22. Estas palavras de Jesus Cristo mais uma vez encontraram um cabal cumprimento.

Certa manhã, ao entrar no colégio para mais um dia de aulas, deparei com um aviso que me deixou deveras preocupado. Dizia-se no mesmo que todos os alunos com mais de 18 anos teriam de comparecer às inspecções da Milícia da Mocidade Portuguesa, cujos exercícios eram agora considerados obrigatórios e estavam marcados para o dia de Sábado, santo dia do Senhor.

Logo naquele momento os meus pensamentos subiram até ao Alto, implorando a direcção de Deus para este problema que se me deparava.

Compareci às ditas inspecções, que se resumiram a uns exercícios físicos e verificação da pulsação e enquanto aguardava os resultados orei para que, se fosse da vontade de Deus, me fosse concedida a isenção. No dia marcado fui saber o resultado: tinha sido apurado. Tomei a decisão de falar com o Director do Centro de Instrução da Milícia e, como não era aquele o momento apropriado, voltei lá no dia seguinte. Expus-lhe o meu caso e obtive como resposta que o assunto era de considerar mas que o máximo que ele poderia fazer era dar-me umas dispensas de vez em quando. Despedi-me visivelmente preocupado e quando me preparava para sair, um cabo acercou-se de mim e perguntou-me o que se passava. Relatei-lhe o caso e ele mostrou-se deveras interessado em ajudar-me, em trocar algumas impressões sobre religião e principalmente em ler a Bíblia.

Comecei a compreender o porquê do meu apuramento. Aquele cabo era uma alma sedenta da verdade à qual importava transmitir o conhecimento do Evangelho de Cristo.

Mas ainda não tinha a dispensa aos Sábados das actividades da Milícia. O limite de faltas era muito pequeno, e ultrapassado o mesmo perdia o ano escolar. A decisão estava tomada: antes perder o ano escolar do que transgredir as ordenanças do Senhor. Continuei

orando, pedindo a Deus que me instruisse e desse um meio de escape. Resolvi requerer a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional que me dispensasse das actividades da Milícia ou as transferisse para outro dia que não fosse Sábado.

Entretanto, enquanto aguardava uma resposta ao meu requerimento, segui a dispensa para dois Sábados seguidos. Tendo-me o Director do Centro da Instrução da Milícia pedido para o procurar numa altura em que se encontrasse só, pois necessitava muito de me falar, orei para que Deus lhe tocasse o coração e guiasse todas as coisas.

No dia e à hora marcada lá me encontrava no quartel para o encontro combinado. O Director do Centro começou por apresentar várias teorias procurando demover-me da posição que havia tomado. Como eu não transigisse ele acabou por ceder, transferindo-me a instrução para as quartas-feiras. Foi com o coração agradecido a Deus que deixei o quartel. Graças a Deus tinha alcançado a vitória, a batalha estava ganha, mas faltava ainda a dispensa oficial. A resposta de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional ainda não tinha chegado, mas não demorou.

No Domingo seguinte alguém bateu à porta de casa. Era o carteiro. Trazia correspondência para mim! Era do Ministério da Educação Nacional! Abri ávidamente o envelope e os meus olhos depararam imediatamente com uma palavra: «Deferido». Cai de joelhos e agradei a Deus tão grande bênção. Mais uma vez Deus tinha provado o Seu amor pela raça humana, — esse amor incomensurável, insondável, esse amor que vivifica e que transforma os corações.

Passados são já alguns meses sobre estes acontecimentos, sobre esta tão grande bênção, mas continuo a orar para que Deus toque o coração daquele cabo, que o ajude na investigação da Sua Palavra, que ele reconheça o erro em que está e que aceite Jesus Cristo como seu Salvador antes que seja tarde demais, antes que a porta da graça seja para sempre fechada.

David Esteves

Destino das ofertas dos M. V. em 1963.

As ofertas dos M.V. em 1963 destinam-se à aquisição de um dispensário-ambulância para a Missão de Moçambique. A esse respeito, depois de citar alguns casos elucidativos, o Pastor Joaquim A. Morgado, secretário dos M. V. daquela Missão, escreve:

«Começou assim a nascer a ideia de um dispensário que fosse de aldeia em aldeia regularmente, e que pudesse permanecer onde houvesse necessidade de auxílio.

«No último mês de Agosto, fizemos uma experiência para avaliar o que fazer para montar esse serviço. Um casal de missionários, cuja esposa é enfermeira, permaneceram durante o mês visitando as nossas catequeses. Durante um mês foram visitados 22 lugares, prestada assistência a mais de 2.700 pessoas e feitos mais de 3.000 tratamentos, tendo ao mesmo tempo realizado trabalho de evangelização a que assistiram mais de 4.500 pessoas.

A organização dum dispensário móvel exige um casal de missionários que dedique a sua vida a este trabalho, exige alguns postos fixos espalhados pelo nosso vasto território, exige medicamentos, leite para as crianças cujas mães lhes não podem proporcionar alimento, exige enxovais para os recém-nascidos, exige a manutenção de um carro, que terá de fazer a sua vida em estradas que não merecem este nome.

«Prezado jovem, poderás fazer alguma coisa para nos ajudar?

«Poderás individualmente dobrar a tua oferta durante todo o ano?

«Nós esperamos e confiamos em ti.»

W. H. Anderson . . .

Continuação da pág. 4

te que ainda não tivesse ouvido as boas novas, ele não podia descansar. Tão habituado estava a dormir numa cama de viagem, que em casa não se sentia bem. Contam até uma história dele, enquanto se encontrava na América,

em férias. Uma noite ele não podia dormir na cama fofa que lhe fora oferecida, mas preferiu o cobertor e o tapete que revestia o quarto em que estava hospedado.

Ele contou-me como sua primeira esposa morreu depois de uma biliosa. Também como ele ficou com os cabelos brancos num dia, quando aqui em Angola a sua segunda mulher teve uma biliosa. Também ele relatava como na terra dos Quiocos ele teve de deixar a esposa sôzinha com os indígenas durante muitos dias. O soba foi fiel à sua palavra e nada aconteceu à Senhora Anderson. Ele tinha tido, antes de vir para Angola, uma operação de cataratas nos dois olhos. Deus o abençoou, pois que, embora tivesse de usar óculos bem fortes, tinha muito boa visão.

Muitas vezes, andando com ele no seu carro, eu ficava um pouco impaciente. Na estrada boa ele não andava a mais 40 quilómetros à hora. Ainda que tivesse de chegar ao destino muito de noite, seguia sempre a mesma marcha. Verdade é que isso nos dava mais tempo para trocar impressões, mas por vezes a estrada teria suportado mais velocidade. Contou-me como, quando uma noite ia a caminho do Sul, para estudar as possibilidades de ali estabelecer a Obra, ele foi no seu carro entre Chicomba e Quipungo durante umas dezenas de quilómetros com um leão a acompanhá-lo mesmo ao lado do carro, correndo como se fosse um cão grande.

Com a visão no futuro, ele procurou ter as Missões em pontos estratégicos para que a mensagem da breve vinda de Jesus fosse levada a todas as tribos e povos. Ele dorme hoje, como viveu, aguardando aquele dia em que nosso Senhor descerá nas nuvens do céu e com a trombeta de Deus chamará todos os fiéis para a ressurreição da vida eterna. Certamente ao deitar-se no seu último leito, ele sabia, como nós sabemos, que tinha dado toda a sua vida para o cumprimento da comissão do Mestre: «Portanto ide, por todo o mundo, pregar o Evangelho a todas as nações». Da sua parte ele fez o que lhe foi possível e aguarda as boas vindas do seu Mestre.

Notícias do Campo

Mudanças de Obreiros

Recentemente foram votadas as seguintes mudanças de Obreiros: António Valente, para o Campo Missionário da Namba; José Eduardo Rodrigues, para o Campo Missionário de Nova Lisboa. Pastor Domingos Paulo, como dirigente da nova área a organizar Além-Cunene; Ernesto Ferreira, como secretário dos Departamentos da Escola Sabatina e dos Missionários Voluntários da União.

Malange

Neste distrito imenso e belo, cantado por poetas e exaltado por pintores, têm as gentes que aqui trabalham e vivem um farol potente na nossa Missão do Cuale. Ali, principalmente os nativos, recebem cura para os seus males físicos e espirituais, instrução e a salvação. Na sede do Distrito, a «Flor do Mato» como lhe chamam, existem apenas umas bruxuleantes luzinhas. Em tempos idos, ouvi algures uma ilustração muito feliz, que hoje compreendo perfeitamente. O quadro era de uma lareira, onde um monte de brasas bem acesas mantinha um ambiente acolhedor. Elas assim juntas poderiam ter permanecido vivas e nenhuma se apagaria; todavia, e para mostrar o contraste, foram dispersadas e em bem pouco tempo nada mais restava que uns poucos carvões inúteis.

Isto faz-me lembrar que o que nos está a fazer falta nesta Malange é precisamente uma lareira, salão para igreja.

Temos aqui algumas almas interessadas na mensagem do Advento, cerca de uma dezena; a semente está lançada, o terreno Deus o conhece. Frutificará? A seu tempo o veremos.

Mas muito pouco se tem feito em relação ao muito que há para fazer e, no futuro, muitas luzes brilharão aqui, estou certo.

Uma senhora com quem temos estado em contacto vai mostrar através do seu testemunho a gratidão a Deus por uma mercê recebida:

«Tentou Satanás destruir o lar de minha filha, o que quase conseguiu ... Pois meu genro intentou tirar de casa minhas netinhas para as mandar para fora de Malange. Minha filha chegou a ser expulsa de casa do marido. Só quem é mãe poderá avaliar o meu sofrimento, quantas lágrimas meus olhos derramaram em noites sucessivas em que o sono nunca chegou, e minha alma se amargurou sobremodo pelo que me humilhei continuamente perante meu Criador a pedir-Lhe luz, orientação e protecção para aquele lar.

«Comecei a duvidar de que Deus me iria ouvir. Como poderia Ele atender uma pecadora como eu? O tempo passava e tudo se mantinha na mesma. Mas, quando eu menos esperava por uma solução, tudo se compôs da melhor maneira, e aquele lar novamente está unido. Oxalá para sempre.

«Com o coração cheio de júbilo e de gratidão, estou cumprindo o meu voto de publicamente testemunhar que 'até aqui me ajudou o Senhor'.»

René Reis

Namba

Foi meu privilégio trabalhar em 1962 na Missão da Namba, podendo com a ajuda de Deus e o apoio das autoridades locais levantar o trabalho e trazê-lo quase à normalidade, depois da crise de 1961.

Na Missão propriamente dita, as actividades religiosas e educacionais continuam o seu ritmo normal. A Escola Sabatina, a que afliu cada Sábado um sempre crescente número de alunos, é uma fonte de inspiração e bênção para o povo.

Além do ensino religioso, foi nosso prazer levar a efeito palestras de orientação doméstica, com o objectivo de melhorar a sua condição, dentro do seu nível de vida.

Vivendo numa região bastante ingrata sob o ponto de vista agrícola, procurámos influenciar e inspirar o povo na criação de gado (bois, cabras, ovelhas, galinhas, etc.), bem como na melhoria das suas próprias habitações.

Nas catequeses, por intermédio de pastores, professores e catequistas nativos, levámos a efeito a nossa acção missionária — religião e ensino.

Temos actualmente 50 catequeses em funcionamento, onde 298 crianças estão sendo instruídas.

Em 1962, realizaram-se 107 baptismos.

Agradecidos pelas bênçãos de 1962, entramos no novo ano de 1963 com o manifesto desejo de melhor servir, procurando que a actividade desta Missão possa contribuir para honra e glória de Deus.

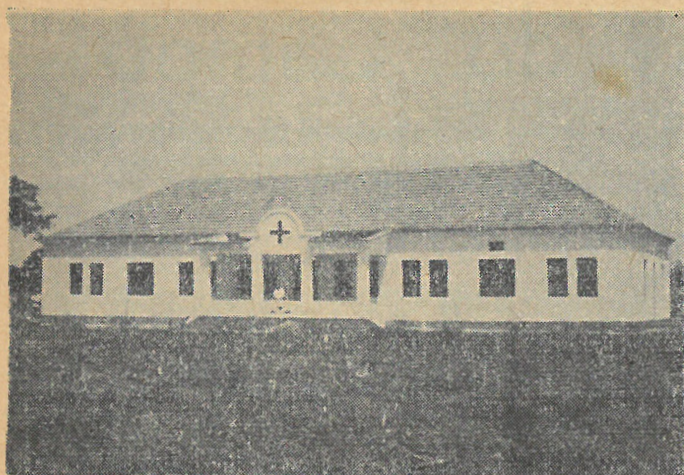
Joaquim de Matos Miranda

Cuale

Depois dos acontecimentos de 1961, constatamos que na realidade aquilo que aos nossos olhos parece uma derrota, o Senhor o transforma em vitória.

Queremos mostrar através destas linhas a nossa gratidão para com Deus, pelo auxílio e direcção que nos deu durante o ano findo para se realizar o trabalho que pela Sua graça nos foi concedido fazer.

Julgo ter sido até agora o melhor ano deste campo, em baptismos. Não quero com isto dizer que se fez o máximo, pois estamos convencidos de que mais e melhor se poderá fazer, com o auxílio de Deus. Os resultados nos animam a continuar, conscientes da presença de Deus connosco, no trabalho que nos confiou para realizar.



Hospital da Missão Adventista do Cuale

trito e de outras entidades oficiais. Deslocou-se propositamente a esta Missão para esse efeito o nosso médico Dr. Roy B. Parsons, seu filho Dr. David J. Parsons, e suas respectivas esposas. Todos apreciaram a obra feita.

Depois da inauguração os médicos começaram a trabalhar, tendo feito para cima de 200 consultas a europeus e de 800 a nativos. Foram realizadas umas oitenta operações de grande cirurgia. Este trabalho não está incluído nos números acima citados.

Carlos A. Esteves

Uma coisa que ajudou bastante este campo foi a realização dos Congressos, que não tinha sido possível realizar no ano anterior por causa dos acontecimentos. Tivemos a presença amiga do presidente da União, que a todos animou com as mensagens que nos transmitiu. Os Congressos realizaram-se nos seguintes lugares: Na Missão, juntando a área de Xirimimbe, em Cangongo, na Zenza e na Quitanda da Baixa. Responderam aos apelos feitos nestas reuniões 589 pessoas, que foram inscritas na Classe de Ouvintes. Foram baptizadas 527 pessoas por altura dos Congressos e mais três no fim do ano, o que elevou o número para 530.

Durante o ano findo, aumentámos o nosso campo em mais cinco catequeses. Temos presentemente setenta catequeses no campo. Se mais obreiros tivéssemos, mais lugares tínhamos para os colocar, pois os pedidos de catequistas são constantes.

Os trabalhos escolares continuaram normalmente, tendo os professores envidado todos os esforços para que fossem obtidos bons resultados. Estiveram matriculados na Repartição Escolar 125, com uma média apreciável de bom aproveitamento.

Por intermédio da assistência médica são obtidos bons resultados na evangelização e por isso lhe dedicamos a melhor das atenções. O movimento do Dispensário em 1962 foi o seguinte:

Tratamentos	45.726
Curativos	4.664
Injecções intramusculares	12.238
Injecções endovenosas	69
Partos	14
Visitas domiciliárias	88
Doentes novos	2.644

Damos graças a Deus pelo privilégio que nos concedeu de ver concretizada uma velha aspiração desta Missão: a inauguração do novo hospital, que teve lugar em 17 de Junho, com a presença do Ex.^{mo} Governador do Dis-

DEUS

Por Mrs. Irma Jewell

Deus não existe!

Quem disse tal coisa?

A natureza não fala

Em Sua beleza?

.....

Vai ao jardim! Procura ao Senhor!

Manifesto ali é o Seu grande amor:

Rosas e lírios

Falam de paz;

O cantar dum pássaro

Comunhão traz.

Tudo aponta ao Teu Redentor.

Porque duvidas que há um bom Deus?

Em volta de ti há mil sinais Seus:

Árvores e lagos,

Montanhas também ...

Donde achas, amigo,

Que tais coisas vêm?

O poder que fez tudo veio dos céus!